

RESISTÊNCIA CAMPONESA: O CASO DOS JOVENS DO ASSENTAMENTO

Vanessa Dutra (UFFS-vanessa55_dutra@hotmail.com), Vitor de Moraes (UFFS-vitordemoraespr@gmail.com), Fabiana Gonçalves de Souza Claudio (UFFS-fabicaudio24@gmail.com)

Categoria da apresentação: Oral

Resumo:

Este resumo é parte da pesquisa em andamento, intitulada Resistência Camponesa: o caso dos jovens do assentamento, Celso Furtado - Quedas do Iguaçu/PR. Considerando que a mesma está em andamento e o tema pesquisado é para o Trabalho de Conclusão de Curso, no curso Interdisciplinar em Educação do Campo - Ciências Sociais e Humanas. A pesquisa objetiva identificar e analisar as principais causas que levaram e levam os jovens deste assentamento a deixarem o campo e, migrarem para as grandes cidades. Uma hipótese, é a de que, as políticas públicas não atendem as demandas do campo e dos sujeitos que lá vivem. A considerar que a pesquisa está quase finalizada, já é possível identificar alguns elementos pelo qual podemos nos basear e logo, ter como parâmetro de resultado aos questionamentos feitos frente à essa problemática, porém não serão todos contemplados aqui, somente o que diz respeito a juventude do assentamento Celso Furtado, e suas contribuições para com o mesmo, de forma a buscar resistência e contribuir no processo de desenvolvimento.

Palavras-chave: Juventude. Campo. Resistência.

Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar os jovens e o porquê das causas do envelhecimento do Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu PR, tendo como parâmetro os jovens do assentamento em questão. O intuito do mesmo é, ser instrumento de luta para compreender melhor essa realidade. A evasão do jovem do campo é um assunto muito discutido nos dias atuais, busca por respostas incessantes de o porquê isso vem ocorrendo com muita frequência em grande parte do meio rural, tanto em grandes assentamentos criados pela reforma agrária, quanto pequenas propriedades desenvolvidas na zona rural.

O intuito desta pesquisa, surgiu da necessidade de se buscar uma justificativa para compreender o que de fato, na materialidade está acontecendo para que ocorra a saída dos jovens do campo, especificamente no assentamento Celso Furtado, e ainda, analisar as formas de resistência que a juventude vem enfrentando para aproximar-se da emancipação do mesmo. É válido esclarecer que, neste momento será sintetizada uma parte do mesmo, que se trata mais especificamente de um componente do capítulo II do trabalho como um todo, que se trata da juventude, na visão de alguns autores, e a juventude do assentamento em questão.



Materiais e métodos

Para a realização deste trabalho foi feito, o levantamento bibliográfico que forneceu o suporte teórico necessário, para a melhor compreensão da temática abordada. Foram consultadas bibliografias que tratam dos problemas sociais e das desigualdades brasileiras, especialmente a questão agrária, a luta pela terra e a luta pela emancipação do assentamento, em sequência, referências bibliográficas relacionadas a juventude.

A referida pesquisa ainda contém como metodologia, pesquisa de campo por meio de entrevista semiestruturada, bem como objetivo de tornar esse tema um Trabalho de Conclusão de Curso, na graduação em Educação do Campo-Licenciatura. A pesquisa está acontecendo no próprio assentamento, mais especificamente no ano de 2017, ano de conclusão do curso.

Resultados e discussões

A juventude em tese, não se trata somente da juventude camponesa, mas sim dos jovens numa perspectiva de compreender e planejar o futuro. No entanto, o jovem do campo, especificamente do assentamento Celso Furtado, é descrito e retratado a partir da dinâmica pela qual ele se encontra nos dias de hoje, seus anseios, medos, utopias e resistência, lutando pela permanência e buscando principalmente por emancipação, frente ao modelo capitalista vigente.

O jovem do campo, pode ser denominado por diversas características, a mais singular aqui, é o jovem que resiste frente as diversas tentações de substituir o campo pela cidade. Para Kaustsky (1968) os fenômenos que levam os jovens a tomar medidas contrárias está atrelada ao fato de:

[...] A imigração para os centros industriais e para as cidades se torna um fenômeno cada vez mais generalizado à medida que o comércio progride, que as relações entre o meio urbano e o meio rural se intensificam, que o trabalho do campo se esclarece melhor sobre a situação das capitais e a elas se dirige com mais frequência [...] (KAUSTKY 1968, p.129).

Um elemento chave para que o campo se mantenha, seria a questão da sucessão, porém, nem sempre esta questão acontece na agricultura, há vários fatores a ser considerados, para Abramovay (1998), o que acontece nada mais é que a desvalorização e a não confiança nesses jovens de continuar o que seus pais haviam iniciado.

[...] A partir dos anos 70, a agricultura familiar do Sul do país exponha-se a uma dupla ruptura: por um lado, as possibilidades objetivas de formação de novas unidades produtivas encontram-se cada vez mais limitadas, por outro a ideia de que, na sua grande maioria, os jovens do campo destinam-se a reproduzir os papeis de seus pais é cada vez menos verdadeira no interior das próprias famílias. É a partir disso que emerge o que podemos chamar de questão sucessória na agricultura: é quando a formação de uma nova geração de agricultores, perdem a naturalidade com que era vivida até então pelas famílias, pelos indivíduos envolvidos nos processos sucessórios e pela sociedade. (ABRAMOVAY 1998, p.36).

Dentre outros elementos, a pesquisa aponta que a decisão de migrar, resulta do balanço que os indivíduos fazem entre a situação vivida e expectativa sobre a nova situação que procuram encontrar fora do campo. Para Graziano (1980), está



muito claro qual a finalidade da reforma agrária para os trabalhadores.

A reforma agrária que os trabalhadores em geral reivindicam não é a pulverização antieconômica das terras, é sim, uma redistribuição da renda, de poder e de direitos, aparecendo as formas multifamiliares e cooperativas como alternativas viáveis para o não fracionamento da propriedade. Em resumo, não desejam a mera distribuição de pequenos lotes, o que apenas habilitaria a continuarem sendo uma forma de barateamento da mão de obra para as grandes propriedades, mas almejam uma mudança na estrutura política e social sobre o campo, sobre o qual se assenta o poder dos grandes proprietários de terra. (GRAZIANO,1980, p.36).

Sendo assim, fica evidente que é praticamente impossível possuir a terra e não ter políticas públicas, para se nutrir nela. Ainda assim, se não haver formas de acesso como por exemplo, uma estrada de qualidade, tampouco esta localidade se desenvolverá economicamente e socialmente, uma vez que o objetivo da grande maioria depois de ter conquistado a terra, é dar continuidade a toda essa luta, só que agora, de uma forma diferente, mostrando seu potencial, e ainda, buscando manter seu valor enquanto coletividade e acondicionar sua identidade. A juventude do assentamento Celso Furtado, busca como forma de unidade para fomentar o desenvolvimento do mesmo, a coletividade, essa forma de união mostra que há possibilidades de resultados satisfatórios, no que tange ao incremento do mesmo, e isso fica claro a partir do momento que passamos a analisar um dos relatos de um ex-integrante do mesmo. Fica evidente que, sem a política pública para os assentados, o assentamento não se desenvolverá de forma plena.

Na perspectiva da formação de seus militantes o Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), desde suas origens busca construir de forma emancipadora a parte educacional de sua juventude, a fim de consolidar de forma perpetuária sua ideologia frente as contradições e violência do sistema capitalista. Neste sentido desde o período de acampamento, a juventude sem-terra do assentamento Celso Furtado, sempre buscou se organizar através de grupos de jovens, coletivos de juventudes ou grêmios estudantis, no intuito de discutir e contribuir nas discussões frente às linhas de atuação dentro do MST e o papel da juventude dentro de cada espaço e território. Porém o MST, como outros movimentos sociais, é formado por pessoas, e esta alicerçado em uma sociedade que por sua vez, de forma natural ou construída, exibe suas contradições, seja elas políticas ou sociais, apresentando-se na forma do tradicional patriarcado ou na disputa de poder, limitando muitas vezes assim a formação de novos dirigentes e o protagonismo da juventude dentro da organização. (ENTREVISTADO A¹- 29/09/2017)

Ressaltando que, essa pesquisa ainda está em andamento e que, diversos elementos serão contemplados no decorrer da escrita do mesmo, bem como as entrevistas e experiências da juventude do assentamento, dialogando sempre com autores que reafirmem a importância dos mesmos, no processo de emancipação e resistência da/na reforma agrária.

Conclusões

Em relação aos resultados provisórios, buscou-se apontar possíveis novos elementos que influenciam a saída dos jovens do assentamento Celso Furtado,

¹ Entrevista concedida a autora em 29/09/2017.



como hipóteses, diversos fatores dentre estes: a não existência de um projeto de campo para pequenos agricultores e a falta de políticas públicas, como sendo uma das principais causas. E a resistência, continua sendo elemento crucial de luta da juventude camponesa, frente ao modelo hegemônico do agronegócio.

Referências bibliográficas

- SAMPAIO, Plínio Arruda. **A Questão Agrária Brasileira e a luta pelo Socialismo**. In, STÉDILLE, João Pedro. **A Questão Agrária no Brasil: debate sobre a situação e perspectivas da reforma agrária na década de 2000**, São Paulo, 1ª Ed. 2013.
- MENDONÇA, Sonia Regina. **A classe Dominante agrária: natureza e comportamento**. 1964/1990: Expressão Popular, São Paulo, 2006.
- CHIAVENATO, Julio José, **Violência no Campo: o latifúndio e a reforma agrária**, São Paulo, Ed. Moderna, 1939.
- MARTINS, José de Souza. Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 11(2): 97-128, out. 1999 (editado em fev. 2000).
- KAUTSKY, Karl. **A Questão Agrária**. Rio de Janeiro: Edi. Laemmert, 1968.
- MARX, Karl, **O Capital**. São Paulo, 1996.
- ABRAMOVAY, Ricardo, **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. UNESCO, 1998.
- CARVALHO *et.al*, **Perspectivas Dos Jovens Rurais: Campo Versus Cidade**. Porto Alegre, 2009 p.05.
- GRAZIANO, José da Silva, **O que é Questão Agrária?** Coleção primeiros passos, 1980.
- Informações retiradas do site, história do M.S.T. Disponível em: <http://www.mst.org.br/historia/> **História do M.S.T** (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra). Acesso em 24 de Maio de 2017.
- STRAPOSOLAS, Valmir Luiz, **O mundo Rural no Horizonte dos Jovens**. Florianópolis. Ed. DaUFSC, 2006.
- COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **Um estudo da diversidade e atualidade da reforma agrária: análise dos tipos de assentamento do território Cantuquiriguaçu**. Presidente Prudente [s/n], 2011.
- JÚNIOR, Caio Prado, **A Questão Agrária e a Revolução Brasileira-1960**. In. STÉDILE, João Pedro **A Questão Agrária no Brasil- o debate tradicional 1500-1960**. São Paulo. Expressão Popular, 2005.
- CASTRO, Guaraná Elisa, **Juventude do Campo**. In CALDART R. S. *et al*. **Dicionário de Educação do Campo**. São Paulo. Expressão Popular, 2012.
- STÉDILE, João Pedro, **Questão Agrária**. In CALDART R.S. *et al*. **Dicionário e Educação do Campo**. São Paulo. Expressão Popular, 2012.

